

Dinâmicas grupais na adolescência (*)

MARIA GOUVEIA-PEREIRA (**)
ISAURA PEDRO (**)
VIRGÍLIO AMARAL (**)
MARGARIDA ALVES-MARTINS (**)
FRANCISCO PEIXOTO (**)

1. INTRODUÇÃO

Diversos estudos demonstram que o fenómeno de agrupamento dos adolescentes advém da iniciativa e necessidade dos próprios adolescentes, sendo, como argumenta Claes (1985), um fenómeno universal.

O grupo de amigos assume para os adolescentes importância a vários níveis: suporte instrumental e emocional, ajuda na resolução das tarefas desenvolvimentais e na construção da identidade (Alves-Martins, 1998; Gouveia-Pereira, 1995, 1998; Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1990, 1991, 1992; Sherif, 1984). Segundo Cottrel (1996), o grupo proporciona experiências emocionais positivas, através da aceitação e reconhecimento do indivíduo, como alguém que contribui para as finalidades de existência do próprio grupo, e, em contrapartida, o indivíduo

ganha no sentido da pertença, da solidariedade entre os membros do grupo, confirmando assim a parcela do auto-conceito que deriva da partilha de uma identidade grupal.

Esta importância, é, aliás, comprovada por alguns estudos empíricos que mostram a adesão de quase todos os adolescentes a um grupo – formal e/ou informal (Cavalli & De Lillo, 1988; Gouveia-Pereira, 1995; Olbrick, 1984; Palmonari, 1990; Sedas Nunes, Machado Pais & Schmidt, 1989).

Foram atribuídas várias hipóteses explicativas para a importância dada pelos adolescentes ao grupo de pares. Por um lado, pode dever-se aos «vazios de sociabilidade deixados por outras instituições como a família e a escola» (Machado Pais, 1996, p. 90); por outro lado, pode dever-se ao facto de encontrarem no grupo, um espaço privilegiado de identificação com os seus pares, podendo conversar sobre os mesmos problemas e angústias, sobre as suas incertezas e sentimentos sem o controlo dos adultos. Tal como assinalam Palmonari, Pombeni e Kirchler (1990, 1991, 1992) e Sedas Nunes *et al.* (1989), diríamos que o grupo é uma entidade de socialização, na qual os adolescentes adquirem valores e competências que lhes servem de guia para o seu comportamento.

(*) Esta investigação teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PRAXIS/PCSH/C/ PSI/92/96).

(**) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação.

Nos dias de hoje, e no contexto português, a escola emerge como um espaço privilegiado na formação do grupo de pares, dado que, os adolescentes passam grande parte do dia no contexto escolar. Assim, as interações com os colegas da escola, e consequentemente a constituição dos grupos com esses mesmos colegas assume uma particular relevância. A constituição dos grupos, confinada ao espaço escolar, tem a sua dinâmica determinada por esse mesmo espaço e pelos valores que lhe estão subjacentes, nomeadamente os valores relativos ao sucesso escolar.

De acordo com Machado Pais (1996) os grupos formados na escola podem constituir uma forma de participação social, no sentido da adesão a determinadas actividades e da construção de «fachadas grupais» de grande valor simbólico. Estas «fachadas grupais» reforçam a coesão do grupo e aparecem associadas a designações específicas das diferentes identidades construídas no âmbito de cada um dos grupos.

Há que referir que a construção da identidade grupal se realiza num contexto relacional específico, em que as avaliações dos grupos e as auto-imagens resultam de um processo de interação, de recíprocas comparações e categorizações sociais.

Palmonari *et al.* (1992), partindo do pressuposto de Turner (1987) quanto à auto-categorização, sustentam que a relação que o adolescente estabelece com o seu grupo influencia a redefinição do self, do ingroup e do campo social mais amplo, como sejam os outros grupos.

Efectivamente, todos os actores sociais, nomeadamente os adolescentes são confrontados frequentemente com situações que os obrigam a comportar-se de acordo com as suas pertenças grupais, mesmo quando a sua identificação ao ingroup não é ainda considerada muito elevada (Tajfel, 1983). A pertença e a percepção do ingroup é construída a nível cognitivo, avaliativo e emocional, e é com base nessa percepção, que o sujeito constrói a sua identidade social e a forma como percebe os outros grupos.

Desde os estudos de Sherif (1966), que diversos autores, argumentam que a percepção que o sujeito constrói dos outgroups assenta, frequentemente, em características negativas. A pertença grupal parece implicar atitudes de rejeição e de desvalorização face a elementos que não fazem parte do seu grupo e à sobrevalorização do seu

grupo. Para Tajfel (1983), a noção de identidade social, tornou-se crucial para explicar os fenómenos de favoritismo face ao ingroup e de discriminação face ao outgroup. É nesta linha de pensamento que emerge a teoria da identidade social, salientando o funcionamento das relações intergrupais.

A identidade social constrói-se através das comparações sociais entre o grupo de pertença e os outros grupos considerados relevantes ao nível das dimensões – atributos e características grupais – que permitam uma diferenciação positiva do ingroup. Os sujeitos tendem a adoptar estratégias de maximização das diferenças entre o ingroup e o outgroup de modo a assegurar a distintividade positiva do ingroup, sendo este processo, que está na base da protecção, preservação e acentuação da positividade da identidade social dos seus membros. Assim, os indivíduos tendem a manter-se como membros de um grupo e/ou procurar pertencer a novos grupos, desde que os mesmos contribuam para aspectos positivos da sua identidade social, i.e., os indivíduos agem de modo a manter ou reforçar a sua auto-estima (Tajfel, 1983).

Ainda no campo da dinâmica intergrupar, alguns estudos realizados por Palmonari *et al.* (1989, 1990 e 1992) no âmbito da adolescência, mostram claramente o processo atrás referido, ou seja, todos os sujeitos se consideram mais próximos do seu grupo do que dos outgroups. Os resultados destes estudos mostraram, também, que quando os outgroups são percebidos como pertencendo a campos de experiência totalmente diferentes do seu próprio grupo, por exemplo o grupo de «drogados», são considerados em termos estereotipadamente negativos, sobretudo pelos adolescentes com elevada identificação ao seu grupo de pertença. O sistema de valores destes adolescentes parece ficar mais ameaçado com grupos, cujos membros têm comportamentos considerados muito diferentes dos seus, nomeadamente os que têm comportamentos adictivos.

Deste modo, no contexto escolar, muitas vezes, o repetido insucesso pode levar, tal como propõem Robinson e Tayler (1976, 1981), à adesão a um grupo com valores diferentes da cultura escolar, exactamente para protecção da auto-estima.

Assim, considerando estes pressupostos teóri-

cos definimos como nosso objectivo, identificar a percepção que os adolescentes têm do seu grupo de pares e dos outros grupos, no contexto específico de um estabelecimento escolar na área de Lisboa. Para analisar essa percepção, procurámos contemplar a formação e o percurso do grupo, locais de encontro, dimensões identitárias e avaliativas, e em função destas, compreender a diferenciação relativamente aos outros grupos.

Para tal realizámos, um estudo que teve por base a utilização de metodologias qualitativas com entrevistas aprofundadas, tendo como preocupação caracterizar os grupos de adolescentes a frequentar os 7.º e 9.º anos de escolaridade.

2. MÉTODO

2.1. *Sujeitos*

O nosso estudo incidiu sobre 11 grupos de adolescentes, totalizando 42 alunos de ambos os sexos (18 rapazes e 24 raparigas), dos quais 22 frequentavam o 7.º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos, e 20 frequentavam o 9.º ano, com idades a incidir entre os 14 e os 17 anos.

Para constituir esta amostra, escolheu-se aleatoriamente um sujeito em cada turma e pediu-se-lhe para trazer consigo três dos seus amigos mais próximos. Definiram-se, assim, 6 grupos do 7.º ano em que 3 são formados por adolescentes do mesmo sexo e 2 por rapazes e raparigas. No 9.º ano constituíram-se 5 grupos, dos quais 3 são formados por adolescentes do mesmo sexo e 2 de ambos os sexos. Dos grupos do 7.º ano de escolaridade, 14 adolescentes apresentam sucesso escolar e 8 insucesso e no 9.º ano, 12 adolescentes apresentam sucesso escolar e 8 insucesso.

2.2. *Instrumento*

Na recolha de dados utilizámos a entrevista semi-directiva com pequenos grupos, com o objectivo de facilitar a emergência de um discurso mais espontâneo sobre a vivência dos sujeitos nos seus grupos e as relações estabelecidas com os outros grupos.

O guião de entrevista incidiu sobre os seguin-

tes temas: a constituição do grupo, o local de encontro, as temáticas das conversas em grupo, a relação intra e intergrupala, a percepção de visibilidade dos seus grupos e dos outros grupos, a forma como caracterizam os grupos e as preocupações dos adolescentes.

2.3. *Procedimentos*

As entrevistas foram realizadas na escola, e tiveram uma duração média de aproximadamente 1 hora. Foram gravadas e transcritas textualmente, sendo posteriormente realizada uma análise de conteúdo, a partir da qual emergiram algumas dimensões de análise:

- História do grupo: formação, tempo de existência e constância do grupo;
- Local de encontro: dentro e fora do contexto escola;
- Actividades realizadas em grupo: dentro e fora do contexto escola;
- Relações grupais: relações intra e intergrupais;
- Caracterização dos outros grupos: «Carochos/Fumadores», «Surfers», «Blacks», «Engraxadoras», «Grandalhões/Grupo dos mais novos» e «Hippies»;
- Preocupações.

Seguidamente apresentaremos os dados relativos às dimensões acabadas de referir, exemplificando com excertos das entrevistas.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1. *História do grupo*

No que respeita à história do grupo, tivemos em conta as dimensões relativas à sua formação, tempo de existência e constância dos sujeitos no grupo.

Relativamente à formação do grupo começámos por constatar que no 7.º ano, esta, tem a ver com a dinâmica da escola, ou seja com o percurso dentro da mesma turma, dependendo a continuação dos adolescentes no grupo do facto de transitarem de ano.

No 9.º ano, à excepção de um grupo, todos os outros se formaram no âmbito da escola. O gru-

QUADRO 1
Excertos das entrevistas relativas à História dos Grupos

	7.º ANO	9.º ANO
Formação	<p>«Encontramo-nos no 5.º ano e começámos a conviver a partir daí.»</p> <p>«Conhecemo-nos na turma porque nos sentávamos juntos e trocávamos desenhos do Dragon Ball.»</p>	<p>«Ela mais uma colega moram ao pé da minha casa e eu comecei a vir com elas... depois cá na escola começámos a andar juntas.»</p> <p>«Conhecemo-nos do bairro... desde pequeninas... é que frequentávamos a catequese juntas.»</p> <p>«Já viemos do 5.º e 6.º ano com alguns conhecimentos.»</p>
Tempo de existência	<p>«Formou-se este ano, eu entrei este ano para a turma.»</p>	<p>«Acho que foi no 7.º ano que nós nos conhecemos.»</p> <p>«(Existe) há 3 anos.»</p>
Constância	<p>«Foram entrando e saindo em função das turmas... algumas pessoas saíram deste grupo e foram para outros.»</p> <p>«Eramos de grupos diferentes e depois juntámo-nos.»</p>	<p>«Somos da mesma turma desde o 7.º ano.»</p> <p>«Andamos juntas desde o 7.º ano, mas começámos a andarmos mais a partir do 8.º.»</p>

po que é excepção, constitui-se pela vizinhança dos seus elementos e por frequentarem em conjunto a catequese.

Verifica-se, assim, que, quer no 7.º ano quer no 9.º ano a grande maioria dos grupos se constrói no contexto escolar e em particular no contexto das turmas. Mas se por um lado, a escola assume um papel determinante na formação dos grupos, por outro, as amizades que unem estes adolescentes não são suficientemente sólidas para lhes permitirem uma amizade continuada, independentemente da reprovação.

Quanto às dimensões tempo de existência e constância no grupo, os dados obtidos reforçam esta ideia, confirmando-se a relevância da escola, como contexto privilegiado para a formação e

socialização dos adolescentes em grupos de pares.

3.2. Local de encontro e actividades realizadas em grupo

Os adolescentes do 7.º ano, contrariamente aos do 9.º ano, encontram-se quase exclusivamente dentro da escola, possivelmente, pelo facto de nesta faixa etária serem ainda considerados pelos pais como muito novos para se juntarem em locais públicos. As referências a locais externos à escola prendem-se, apenas, com idas a festas de aniversário ou encontros no trajecto para a escola.

No que respeita às actividades em grupo, para os adolescentes mais novos, o grupo, assume

QUADRO 2
Excertos das entrevistas relativas aos locais de encontro

Local de Encontro	7.º ANO	9.º ANO
Dentro da escola	«Em frente dos pavilhões... no bufete... temos 3 banquinhos e sentamo-nos lá.»	«Em frente dos pavilhões... é o melhor sítio que há cá na escola, é o mais sossegado.»
Fora da escola	«É muito raro encontrarmo-nos fora da escola porque os pais não nos deixam sair juntos.» «Encontramo-nos na paragem do autocarro e no caminho para a escola.»; «Encontramo-nos nas festas de anos.»	«Encontramo-nos no café... às vezes vamos ao cinema.»

QUADRO 3
Excertos das entrevistas relativas às actividades no grupo

O que Fazem	7.º ANO	9.º ANO
Dentro da escola	«Passear pela escola e dar voltas e mais voltas a conversar.»; «Brincamos.»	«Falamos de música, de filmes, contamos anedotas e conversamos.»
Fora da escola	«Festas de anos.»	«Vamos ao cinema, vemos televisão e ouvimos música.»; «Conversamos sobre coisas do quotidiano... família, namorados, escola... problemas.»

uma função lúdica, mais associada à partilha de jogos e brincadeiras.

Já no 9.º ano, os adolescentes encontram-se fora do contexto escolar, como seja, idas ao café e ao cinema. Ressalta-se também a importância, do conversar, quer sobre actividades e gostos que partilham, como a música e o cinema, quer sobre problemas comuns, como as relativas à família, namoros e escola.

3.3. *Relações grupais*

No que diz respeito às relações intra e intergrupais, caracterizamos a relação que os adoles-

centes estabelecem dentro do seu grupo, e com os outros grupos existentes na escola.

Ao nível intragrupal, quer no 7.º ano quer no 9.º ano, salienta-se a existência de um clima de abertura e de bem-estar, que dá segurança aos adolescentes e possibilita a partilha das suas vivências e sentimentos.

No que respeita às relações intergrupais, ao nível do 7.º ano, os grupos são formados mediante dimensões de diferenciação relativamente a outros grupos, que se prendem com: o modo de vestir, a idade e o género sexual. Estas são as dimensões enunciadas com mais frequência por estes adolescentes.

QUADRO 4
Excertos das entrevistas relativas às relações intra e intergrupais

Relações grupais	7.º ANO	9.º ANO
Intragrupais	«Nós no grupo damo-nos bem, estamos sempre na reinação.»	«Nós juntos somos capazes de fazer tudo, de dizer tudo. Agora sozinhos, encolhemo-nos todos, não temos coragem para nada.»
Intergrupais	«No grupo das hippies há umas muito convencidas, pensam que são as maiores... vestem-se todas da mesma maneira.» (O grupo dos mais velhos e maiores) «dizem ‘Vocês não entram aqui’ (...) e depois entramos e depois temos que fugir.» «Os rapazes andam sempre todos juntos.»	«No ano passado não nos dávamos muito bem com um grupo de raparigas que aí estava.» «Nós gostamos de jogar futebol e outros grupos gostam de tocar viola... nós gostamos de um tipo de música e eles gostam de um outro tipo.» «Nós somos muito acanhados e mais sossegados... (há grupos diferentes do nosso) que são mais extrovertidos, não têm problemas com os outros, qualquer coisinha dizem palavrões.» «Eles andam sempre juntos e fumam... vão para um lado estão a fumar, vão para outro estão a fumar.» «Para entrar nesse grupo (‘tias’) é preciso vestir roupinhas da Benetton e coisinhas assim.»

No 9.º ano a diferenciação relativamente a outros grupos aparece associada a características comportamentais, tais como comportamentos ligados ao tabaco, e ainda, a formas de estar e gostos.

É também de salientar que os adolescentes pertencentes aos grupos, quer do 7.º ano quer do 9.º ano, não se consideram reconhecidos enquanto grupos da escola. Os grupos não são denominados por um determinado nome, e, não se percebem com uma particular visibilidade no contexto escolar.

3.4. Caracterização dos outros grupos

Relativamente ao modo como os adolescentes percebem os outros grupos, no 7.º ano, a

referência faz-se a 4 grupos: «fumadores», «queques», «grandalhões»/«grupo dos mais novos» e «hippies», enquanto no 9.º ano surgem estes grupos, à excepção dos «queques», e aparecem ainda os «surfers», as «engraxadoras», e os «blacks», pressupondo uma percepção mais diferenciada dos outgroups existentes na escola. Passamos, assim, a apresentar alguns excertos relativos à caracterização dos grupos dentro da escola (Quadro 5).

O grupo dos «fumadores» embora caracterizado, quer pelos adolescentes do 7.º ano quer pelos do 9.º ano, os mais novos caracterizam-nos de um modo mais descritivo, enquanto os mais velhos se centram em dimensões mais avaliativas.

Foi caracterizado um grupo em termos de idade, o grupo dos «grandalhões/mais novos»

QUADRO 5

Excertos das entrevistas relativas à caracterização de grupos dentro da escola

<u>Caracterização de Outgroups</u>	7.º ANO	9.º ANO
«Carochos/Fumadores»	«São os que andam a fumar.»	«Têm a mania que são alguma coisa, são umas chaminés, sentem-se superiores porque fumam.»
«Surfers»		«Há aqueles que têm a mania que são bons, como são surfers são bons. Não há quem os aguento.»
«Blacks»		«Essas são as piores colegas que nós podemos ter.»
«Engraxadoras»		«Essas estão sempre ao pé da 'stora', é demais, parecem umas tolas.»
«Queques»	«São o grupo dos caloiros, só querem brincar com os bonecos e ver o Dragon Ball, são os putos queques.»	
«Grandalhões»/«Grupo dos mais novos»	«São grandalhões... repetentes...»	«Os mais novos... esses são os 'pitos'... a esses apetece andar à carolada.»
«Hippies»	«Os hippies... vestem-se todos da mesma maneira.»	«Elas são mais extrovertidas, não têm problemas com os outros... A maneira de vestir, a maneira de falar, as músicas, são diferentes.»

que é descrito pelos adolescentes mais novos como os repetentes, enquanto para os mais velhos, o grupo é referido como «os mais novos» e são descritos como sendo «os pitos... a esses apetece é andar à carolada»).

Quanto ao grupo dos «hippies», os adolescentes do 7.º ano caracterizam-nos pelo modo de vestir, enquanto os do 9.º ano para além do aspecto descritivo, salientam, igualmente, aspectos de natureza comportamental.

O grupo dos «queques» só é referido pelos alunos do 7.º ano. Para estes adolescentes os

«queques» «são o grupo dos caloiros, só querem brincar com os bonecos, e verem o “Dragon Ball”».

Os «surfers» as «engraxadoras» e as «blacks», como se pode ver no Quadro 5, são apenas caracterizados pelos alunos do 9.º ano, mediante avaliações muito negativas.

Assim, comparando a caracterização que os adolescentes dos 7.º e 9.º anos fazem dos diferentes grupos existentes na escola, constatamos que os alunos do 9.º ano, mobilizam uma dimensão mais avaliativa e simultaneamente mais

depreciativa. Contudo, essa dimensão avaliativa e depreciativa, não implica uma exclusão no relacionamento com os colegas dos outros grupos, como se verifica no 7.º ano. Para os adolescentes do 7.º ano a necessidade de protecção da sua identidade, parece implicar uma maior exclusão e impermeabilidade das fronteiras grupais.

Verificamos, no entanto, que no quadro desta diferenciação intergrupar, quer no 7.º ano quer no 9.º ano, surgem grupos com uma visibilidade sustentada por comportamentos, valores e actividades exteriores à escola.

No 7.º ano constata-se a identificação de um grupo de alunos repetentes, que faz parte duma turma que a escola classifica como a pior. Os elementos deste grupo, rotulam-se a si próprios, como malfeitores, «só ouvem música maluca» e acham que têm maus comportamentos. Este grupo na relação com os outros afirma, inclusive, adoptar comportamentos agressivos («os putos queques estão sempre a sofrer...»); utiliza uma linguagem específica e assume-se com ocupações exteriores à escola já pertencentes ao mundo do adulto, nomeadamente trabalhar nas «obras» ao fim-de-semana («às vezes, ao sábado e domingos vou “bulir” para as obras... Dar no duro faz bem»). A diferenciação neste grupo passa pelo assumir de atributos alternativos e contrários à cultura escolar, permitindo-lhe a manutenção de uma auto imagem positiva. Esta constatação vem ao encontro do modelo compreensivo de Robinson e Tayler (1976, 1981), segundo o qual, face a situações de insucesso es-

colar, pode desenvolver-se uma cultura alternativa às culturas escolares.

Ainda no âmbito da diferenciação encontra-se um outro caso particular no 9.º ano de escolaridade, onde um dos grupos entrevistado se destaca dos restantes pelos sentimentos de inferioridade. Esta dimensão manifesta-se na maneira como o grupo se descreve e como acha que é descrito, percebendo atributos que lhe são atribuídos de que é exemplo a seguinte afirmação: «eles acham que nós somos fatelas». Talvez, não seja de negligenciar o facto deste grupo ser constituído por raparigas de uma minoria étnica. Este grupo percebe-se com base em atributos que lhes são conferidos por outros grupos da escola, apresentando-se com uma imagem inferiorizada.

3.5. Preocupações

Questionaram-se, ainda, os adolescentes sobre as suas preocupações e os aspectos que mais valorizam. Damos conta de excertos de entrevistas relativos a estes aspectos no Quadro 6.

Os adolescentes do 7.º ano, quando questionados sobre o que na sua opinião é mais importante para os jovens, referem a importância dos aspectos relacionais e questões relativas à escola. Por outro lado, o grupo anteriormente referido como pertencente à pior turma da escola, tem preocupações de natureza diversa, tais como «não se meterem na droga» e «não contraírem Sida».

Quanto às preocupações dos adolescentes do 9.º ano, mantêm-se as que dizem respeito aos

QUADRO 6

Excertos das entrevistas relativas aos valores e preocupações dos adolescentes

	7.º ANO	9.º ANO
Preocupações	<p>«A amizade está acima de tudo.»</p> <p>«Se não tivermos amigos sentimo-nos sozinhos.»</p> <p>«Estudar e portarmo-nos bem nas aulas.»</p> <p>«Não nos metermos na droga e não contrair Sida.»</p>	<p>«Darmo-nos bem uns com os outros... darmos-nos bem com a família.»</p> <p>«Ter boas notas.»</p> <p>«Não nos metermos em certos vícios porque há alguns grupos que se metem na droga.»</p> <p>«Entrar para a Faculdade... ter dinheiro e uma boa profissão.»</p>

aspectos relacionais e aos resultados escolares. No entanto, aparecem novas preocupações – o corpo, o consumo de substâncias adictivas, a realização profissional, a entrada para a faculdade e o dinheiro.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Uma primeira constatação que se pode fazer a partir dos resultados apresentados, é que a formação dos grupos é fortemente influenciada pela dinâmica escolar, nomeadamente no que se refere à constituição das turmas. Com efeito, excepção feita a um único grupo do 9.º ano o qual tem na sua génese relações de vizinhança, todos os outros se constituem no interior da turma. Estes resultados permitem, assim, evidenciar que a escola assume, para além da sua função relacionada com a aprendizagem, uma outra associada ao estabelecimento de relações entre pares, uma vez que é igualmente a escola o local privilegiado de encontro com os elementos do grupo. No que se refere a este aspecto, apenas os adolescentes do 9.º ano se encontram também fora do contexto escolar, enquanto nos do 7.º ano os encontros se confinam à escola, excepto ir à festa de anos dos amigos. Tal com outros estudos salientam (Palmonari, 1990) os adolescentes mais novos (primeira fase da adolescência), não adquiriram ainda a autonomia, nomeadamente ao nível de deslocação, confinando-se deste modo as relações entre os adolescentes a um maior controlo por parte dos pais.

No que se refere às conversas no seio do grupo verificam-se algumas diferenças entre os adolescentes do 7.º ano e os do 9.º ano. Os mais velhos têm conversas entre si mais elaboradas e diversificadas, o que se deve, provavelmente, ao facto, de se encontrarem num nível cognitivo mais desenvolvido, o que se repercute na forma como o adolescente se coloca face a si próprio e ao mundo que o rodeia.

Embora o grupo assuma funções de suporte diferentes consoante a idade dos adolescentes, esse convívio possibilita a construção de amizades e desempenha um papel emocional e instrumental de crucial significado no desenvolvimento do adolescente (Palmonari *et al.*, 1989; Sedas Nunes *et al.*, 1989; Gouveia-Pereira, 1998).

Relativamente às relações intragrupais constata-se, uma vez mais, que é muito importante para todos os adolescentes estar em grupo. O grupo evita a solidão, permite falar de tudo, fazer coisas que não se fazem quando se está sozinho e de se divertirem. O grupo para estes adolescentes, assume funções de partilha de vivências, nomeadamente as ocorridas no contexto escolar e familiar, expressas nas suas conversas quotidianas. Constitui-se ainda, como um espaço de «estar», ganhando por isso, tal como Cotterel (1996) e Kirckler *et al.* (1991) referiam, um sentido de pertença e de construção da identidade social dos adolescentes.

Constata-se também que a maioria dos grupos, quer do 7.º ano quer do 9.º ano, não se percebe com visibilidade no contexto escolar, ou seja, não se considera reconhecido enquanto grupo. Isto não significa, no entanto, que estes grupos sejam desprovidos daquilo que Sherif (1984) designa por produtos colectivos, como, por exemplo, a forma como se vestem ou as regras que definem os comportamentos aceitáveis e reprováveis em relação aos elementos do ‘ingroup’ e do ‘outgroup’.

Ao nível das relações intergrupais, os resultados evidenciam que a forma como os adolescentes se diferenciam dos outros grupos é diferente consoante se encontram no 7.º ano ou no 9.º ano. Os do 9.º ano apresentam uma maior capacidade de diferenciação quando comparados com os do 7.º ano e, diferenciam-se dos outros grupos através de dimensões, quer avaliativas quer de natureza mais comportamental, enquanto os do 7.º ano, apenas o fazem através desta última dimensão.

Embora a diferenciação se concretize diversamente para os adolescentes dos 7.º e 9.º anos, esta permite, igualmente, para ambos os grupos, assegurar a distintividade positiva do seu grupo, sendo este processo, de acordo com a teoria da identidade social, que contribui para a construção de uma identidade social positiva (Tajfel, 1978, 1983).

De uma forma geral, os adolescentes no processo de diferenciação intergrupar, atribuem estereótipos na sinalização e descrição dos grupos, o que corrobora os resultados obtidos por Machado Pais (1996).

No que respeita às preocupações são comuns aos adolescentes do 7.º ano e do 9.º ano as rela-

cionadas com os resultados escolares e com os aspectos relacionais – família e amigos. Os adolescentes do 9.º ano apresentam algumas preocupações de natureza diversa, como por exemplo as dificuldades em entrar na faculdade, conseguir uma profissão de que gostem e evitar comportamentos de risco (envolverem-se com drogas e contraírem Sida). Uma explicação possível para estas preocupações estarem mais presentes neste grupo, pode ser devida ao facto de serem mais velhos e estarem mais próximos dessa realidade social. Note-se que é também no grupo dos adolescentes mais velhos do 7.º ano (um grupo) que se evidenciam também maiores preocupações ligadas a comportamentos de risco. Por outro lado, este tipo de preocupações pode-se articular com o conceito de tarefas de desenvolvimento (Havighurst, 1951), na medida em que entre as diversas tarefas que os adolescente têm de resolver, algumas prendem-se com as relações interpessoais (construir relações estáveis com um grupo de amigos) e com tarefas sócio-institucionais (completar com sucesso a escolaridade e integração no mundo do trabalho) (Palmonari *et al.*, 1990, 1991; Gouveia-Pereira, 1995). O modo como o adolescente enfrenta estas preocupações ou tarefas, dependerá do suporte que tem à sua disposição, sabendo que o grupo de pares desempenha um papel fundamental neste âmbito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves-Martins, M. (1998). Dinâmica de escola e identidades sociais. In M. Alves-Martins (Ed.), *Actas do IX colóquio de psicologia e educação* (pp. 43-49). Lisboa: ISPA.
- Cavalli, A., & Delillo, A. (1988). *Giovani anuai 80*. Bologna: Il Mulino.
- Cotterel, J. (1996). *Social networks and social influences in adolescence*. London: Routledge.
- Claes, (1985). *Problemas da adolescência*. Lisboa: Verbo.
- Gouveia-Pereira, M. (1995). *A percepção do papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento em adolescentes e pais*. Dissertação de Mestrado, não publicada, Lisboa: ISPA.
- Gouveia-Pereira, M. (1998). Os adolescentes e os pais: Diferentes percepções acerca do grupo de pares. In M. Alves-Martins (Ed.), *Actas do IX colóquio de psicologia da educação* (pp. 71-97). Lisboa: ISPA.
- Gouveia-Pereira, M. (1998). Os adolescentes e os pais: Diferentes percepções acerca do grupo de pares. In M. Alves-Martins (Ed.), *Actas do IX colóquio de psicologia e educação* (pp. 71-97). Lisboa: ISPA.
- Havighurst, J. R. (1951). *Developmental task and education*. New York: Longmans, Green.
- Kirchler, E., Palmonari, A., & Pombeni, M. L. (1991). Sweet sixteen. Adolescent's problems and the peer group as source of support. *European Journal of Psychology of Education*, 6, 541-563.
- Machado Pais, J. (1996). *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Olbrich, E. (1984). Adolescence. A period of crisis or coping? In E. Olbrich, & E. Todt (Eds.), *Problems of adolescence*. Berlin: Springer.
- Palmonari, A. (1990). L' adolescenza: Identità e sviluppo. In P. Amerio, P. Boggi Cavallo, A. Palmonari, & M. L. Pombeni (Eds.), *Gruppi di adolescenti e processi di socializzazione* (pp. 13-31). Bologna: Il Mulino.
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1989). Peergroups and evolution of the self-system in adolescence. *European Journal of Psychology of Education*, 4, 3-15.
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1990). Adolescents and their peer groups: A study on the significance of peers, social categorisation process and coping with developmental tasks. *Social Behaviour*, 5, 33-49.
- Palmonari, A., Kirchler, E., & Pombeni, M. L. (1991). Differential effects of identification with family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *European Journal of Social Psychology*, 21, 381-402.
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1992). Evolution of the self-concept in adolescence and social categorisation processes. *European Review of Social Psychology*, 381-402.
- Robinson, W. P., & Tayler, C. A. (1986). Auto-estima, desinteresse e insucesso escolar em alunos da escola secundária. *Análise Psicológica* 5 (1), 105-113.
- Robinson, W. P., & Tayler, C. A. (1991). Correlates of low academic attainment in three countries: England, France and Japan. *Análise Psicológica*, 9 (3-4), 277-290.
- Sedas Nunes, J., Machado Pais, J., & Schmidt, L. (1989). *A convivialidade e a relação com os outros*. Lisboa: ICS.
- Sherif, M. (1966). *Group conflict and cooperation: Their social psychology*. London: Routledge and Kegan.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la psychologie sociale*, 1. Paris: Larousse.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33, 1-39.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.

Turner, J. (1987). *Rediscovering the social group. A self-categorisation theory*. Oxford, UK: Basil Blackwell.

RESUMO

Diversos estudos têm evidenciado que o grupo de amigos assume para os adolescentes importância a vários níveis: suporte instrumental e emocional, ajuda na resolução das tarefas desenvolvimentais e na construção da identidade (Alves Martins, 1998; Gouveia-Pereira, 1995, 1998; Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1990, 1991, 1992; Sherif, 1984). Na linha dos trabalhos de Tajfel (1982, 1983) acerca das relações intergrupais e segundo Cotterel (1996), o grupo proporciona experiências emocionais positivas, através da aceitação e reconhecimento do indivíduo, em contrapartida, o indivíduo ganha no sentido da pertença, da solidariedade entre os membros do grupo. Definimos como objectivo analisar a percepção que os adolescentes têm do seu grupo de pares e dos outros grupos, num estabelecimento escolar na área de Lisboa. Para analisar essa percepção, procurámos contemplar a formação e o percurso do grupo, locais de encontro, dimensões identitárias e avaliativas, e em função destas, compreender a diferenciação relativamente aos outros grupos, junto de 42 adolescentes.

A amostra foi constituída por 42 adolescentes a frequentar os 7.º e 9.º anos de escolaridade. Para a recolha dos dados utilizaram-se metodologias qualitativas com entrevistas de grupo aprofundadas.

Os resultados evidenciam que a formação dos grupos é fortemente influenciada pela dinâmica escolar. Ao nível das relações intergrupais a forma como os adolescentes se diferenciam dos outros grupos é diferente consoante se encontram no 7.º ano ou no 9.º ano. Os do 9.º ano apresentam maior capacidade de diferenciação relativamente aos outros grupos, e diferen-

ciam-se através de dimensões, quer avaliativas quer de natureza mais comportamental, enquanto os do 7.º ano apenas o fazem através desta última dimensão.

Palavras-chave: Grupo de pares, identidade social, adolescência.

ABSTRACT

Several studies showed that adolescent peer group play an important role at different levels: they are a source of instrumental and emotional support, developmental tasks resolution and construction of identity (Alves Martins, 1998; Gouveia-Pereira, 1995, 1998; Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1990; 1991; 1992 & Sherif, 1984). Following the research of Tajfel (1982, 1983) on intergroup relations and the findings of Cotterel (1996) it is stated that the group gives positive emotional experiences through acceptance and recognition of the individual, and the adolescent gains the feeling of belonging and solidarity between group members. The goal of the present study is to analyze the adolescent's perception of their peer. The formation and history of the peer group, meeting places, dimensions of identity and of evaluation were analyzed in order to better understand the groups' identity in relation to other groups.

Participants were 42 adolescents from the 7th and the 9th year of secondary school. In order to collect the data qualitative group interviews were conducted.

Results showed that group formation is strongly influenced by school dynamics. School year plays a role at the level of the perception of intergroup relations. Adolescents from 9th year show a greater capacity for differentiation in relation to other groups while younger students only differentiated the other groups through behavior dimensions.

Key words: Peers groups, social identity, adolescence.